

## COMUNICAÇÕES ORAIS E RESUMOS

**28 de Setembro de 2015**

**“Experimentação Estética, Clínica e Tecnologia: conexões e desconexões maquínicas”** -  
Coordenador: Bruno Vasconcelos de Almeida

Resumo:

Um tipo especial de articulação percorre as três comunicações desta sessão, aquela que liga a clínica à experimentação estética e aos devires em jogo nos modos como lidamos e somos afetados pela tecnologia e pela ciência contemporâneas. O primeiro trabalho apresenta o acompanhamento terapêutico de um autista no qual os encontros são filmados e fotografados. Essa experimentação estética permite romper com uma situação repetitiva e estagnada. O segundo trabalho traz a cartografia de uma clínica em saúde pública, que teve entre seus desdobramentos a produção de um documentário com a finalidade de servir como ferramenta de educação em saúde, em especial a saúde mental. A terceira comunicação discute os modos de afetação entre tecnociência e subjetividade, valendo-se de ferramentas conceituais oriundas do pensamento de Deleuze, Simondon e Whitehead. Esse conjunto de trabalhos problematiza conexões e desconexões entre arte, clínica e tecnologia, tendo por fio condutor, o pensamento maquínico de Deleuze e Guattari.

**“Experimentos dança-teatro-literatura. Arte das sensações na produção de novos devires”** -  
Coordenadora: Silvana Tótora

Resumo:

Compomos um coletivo de estudo e pesquisa de experimentos possíveis entre arte e política sob a ressonância de Nietzsche, Deleuze/Guattari e Foucault. Performance de intervenção artística na cidade, dança, teatro – algumas delas produtos de dissertações de mestrado - conectam uma produção desenvolvida dentro e fora dos muros universitários (particularmente na PUCSP). Constituímos como pesquisadores ligados ao Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUCSP. Nossa proposta para o VI Seminário Conexões: Deleuze e máquinas e devires tem como eixo a relação arte e política como produção de novos possíveis de subjetividade artista e de resistência política. Na esteira de Deleuze com a colaboração de Guattari, realçamos o conceito de arte como sensações que se desdobram em um composto de perceptos e afectos e uma micropolítica “menor” que perturba e corrói uma política molar que se pauta pelo governo das condutas dispostos em instituições cujo móvel é servir ao capitalista de gestão neoliberal.

**“Cartografias Camaradas”** - Coordenadora: Amanda Giron Galindo

## Resumo:

A partir de diferentes olhares, buscaremos uma composição prático-teórica sobre o Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência, localizado na cidade de São Vicente –SP (popularmente conhecido como coletivo Camará ou apenas Camará). Assim, preceptora, supervisor, e dois ex-estagiários almejarão em seus escritos desenhar contornos sobre suas experiências de trabalho naquele local, levando em consideração a itinerância e as descontinuidades no acompanhar dos processos e experiências dos diferentes espaços de atuação abarcados pelo serviço. Sem deixar de lado a dimensão ético-política que navega a favor da maré dos devires. Que fique claro que esses trabalhos são composições que ultrapassam as individualidades dos autores, pois transitam muito mais num corpo coletivo sensível, formativo e gestante das múltiplas possibilidades encontradas no cotidiano do Camará.

**“Pensamento e criação: interlocuções entre arte, filosofia e educação”** - Coordenadora: Cintya Regina Ribeiro

## Resumo:

As comunicações se voltam à análise de cinco produções estéticas – o periódico Rex Time/Grupo Rex; o filme A Vizinhança do Tigre/Affonso Uchoa; a obra Fera na Selva/Henry James; o conto Pierre Menard, autor do Quixote/ Jorge Luis Borges e a obra O crocodilo, de Fiódor Dostoievski. Estabelecem como eixo de conexão a seguinte discussão: a partir de uma abordagem de inspiração pós-estruturalista, os procedimentos estéticos podem ser tomados como “máquinas lingüísticas”. As análises buscam apontar que tais máquinas, em suas singularidades estilísticas, por acionarem os limites da linguagem, possibilitam a problematização de experiências de pensamento bem como a discussão acerca de seus devires. Desse modo, o presente conjunto analítico, por meio da conexão entre experiência estética e filosofia, visa contribuir com uma crítica política da própria experiência do pensar.

**“Composições em devir: marchetar tirinhar escolar”** - Coordenadora: Alexandrina Monteiro

## Resumo:

Essa mesa se compõe por quatro apresentações que se unem por desenvolverem suas pesquisas na linha Filosofia e História da Educação / Unicamp, no grupo Diferenças e Subjetividades em Educação (DiS) e participarem do grupo de estudos Transversal. São quatro trabalhos que se ligam por buscar conexões principalmente nos conceitos de Gilles Deleuze e Felix Guattari e assim se desmembrando em diversificados intercessores para comporem suas pesquisas (tirinhas, ensino de filosofia, imagem, personagens conceituais, Michel Foucault, ensino de matemática, Michel Serres, multiplicidade no pensamento, Transtornos de déficit de atenção, medicalização infantil, oficinas de aprendizagem inventiva, etc.). Somos professores de diferentes áreas e nossas pesquisas são atravessadas por questões escolares e educacionais. Pensamos a educação em suas variantes formas de afetar e ser afetado, gerando dessa maneira

micro cartografias intensivas do cotidiano de cada pesquisador em suas práticas a marcar num verbo infinitivo e singular seus modos de expressão.

**“As máquinas da sexualidade nas dobras da literatura e do cinema”** – Coordenadora: Maria dos Remédios de Brito

Resumo:

A mesa atravessa composições sobre a sexualidade na esteira do pensamento da Diferença de Deleuze e Guatarri. O tema será agenciado pela literatura e pelo cinema. Os trabalhos apresentados movimentam a sexualidade como máquina desejante, que borra e transfigura o pensamento da representação.

**“Constelações temporárias: o espaço como eventualidade em fotografias e vídeos”** - Coordenadora: Carina Merheb de Azevedo Souza

Resumo:

As constelações que vemos no céu nas noites sem nuvens são meros arranjos possíveis num conjunto de infinitas possibilidades, tão infinitas quanto o universo que nos rodeia. A expressão tomada de empréstimo de Doreen Massey visa destacar o espaço como um arranjo possível de histórias-até-agora, as quais por serem eternamente múltiplas não são aprisionáveis num espaço que não seja ele mesmo devir. A presente sessão propõe criar constelações transitórias a partir de fotografia e vídeos, com os quais possamos pensar maquinações possíveis do espaço como acontecimento e o lugar enquanto eventualidade.

**“Poética da Diferença – entre imagens e sons os devires”** - Coordenadora: Davina Marques

Resumo:

A poética da diferença entre obra literária e fílmica e... Davina Marques Na rasura, a poética da máquina em devir Ivânia Marques A poética das paisagens ambulantes Luís Marques Martinelli O livro vira filme que vira tese que vira vídeo experimental. O cartão-postal vira brinquedo que vira dissertação que vira colônia que vira poema. A coleta vira exposição que vira relação que vira paisagem ambulante. Entre-laços de experimentações devêm artigos em conexões. Juntos pensamos nossos atravessamentos e trazemos aqui as máquinas compostas pelos devires que vivenciamos. Sabemos que devir não é tornar-se, transformar-se, mas eles se movimentam e nos movimentam e viram, viram, viram, em linhas que já não são mais aquilo nem precisam ser outra coisa que não fabulação poética. Palavras-chave: fabulação, reverberações, experimentação.

**“Máquinas de fabricar e máquinas de criar”** - Coordenadora: Gicele Maria Cervi

Resumo:

Máquinas de fabricar são aparelhos de Estado, ou seja, maquinarias sedentárias de (re)produção de modelos, de produção fabril, seriada, que visam agir sobre corpos capturando fluxos e devires. Máquinas de criar são máquinas de guerra, ou seja, instrumentos nômades de combate à generalização e aos modelos, elas propiciam a desterritorialização de corpos, fluxos e aos devires. Assim, é na cartografia destas diversas máquinas em diferentes tempos e espaços, de suas coabitações e de seus embates que estes trabalhos entram em conexão e conectam-se com o Devir. Explorar como o as máquinas de fabricar e de criar se conectam com as tecnologias digitais, com escola e com a educação, com a linguagem e com as práticas de amizade. Como elas, por vezes no mesmo lugar ou ao mesmo tempo, criam e fabricam, representam e diferenciam, reproduzem o sedentarismo e devem nomadismos...

**“(na máquina têxtil que se cose a vida, em que furinho fissurou o fio que tece as palavras?) [Entre] Signos, palhaços e poesias - Grupo de Estudos em Filosofia para a Educação da UNIFESP”** - Coordenador: Alexandre Filordi

Resumo:

Compõem a apresentação oral deste grupo, três propostas que atravessam diferentes tessituras: uma literária, Machado de Assis e as experiências subjetivas na aprendizagem por meio dos signos, segundo Deleuze, de Lilian Silva, e dois ensaios. Um ensaio poético com poemas do livro Bocoio de Alexandre Filordi e um ensaio audiovisual Palhaços na engrenagem, de Rafael Limongelli. No primeiro trabalho apresentado em forma de artigo, os conceitos de signo e intercessor, no sentido dado aos termos por Deleuze, estão em jogo como disparadores de componentes de subjetividade e processos de singularização na aprendizagem. Já os ensaios poético e audiovisual aproximam-se dos conceitos de molecularidade e linha de fuga de Deleuze e Guattari. O ensaio poético escava passagens secretas pelas palavras escafandriando sertões, levezas e sensações. O personagem Bocoio caminha ora salvando-se, ora perdendo-se, com um pé na loucura e outro na filosofia. Mas sempre em busca de uma vida sem cabrestos ou governos: em jogo, o nomadismo e o vazamento dos conectivos signos-significantes. Por fim, o ensaio audiovisual rastreia as possibilidades do devir-palhaço no caminho infame do erro, do estranho, do anormal e do desviante. As apresentações se conectam na produção de pesquisas, fissuras, entrecortes, navegações, invenções para derivas imprevisíveis e à criação de espaços ainda não existentes no corpo, no vídeo, na palavra e no texto literário.

**“Incursões cartográficas na subjetividade do cinema”** - Coordenador: Silvio Ricardo Demétrio

Resumo:Incursões cartográficas na subjetividade do cinema A partir do trabalho que desenvolvemos em conjunto em nosso grupo de pesquisa (Imagem e Subjetividade) lotado no programa de mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, apresentamos as propostas a seguir como resultado de uma primeira caminhada. A base

dessa articulação é o projeto de pesquisa desenvolvido no mesmo programa pelo líder do grupo, professor Silvio Demétrio e do qual participam Carol Ribeiro e Juliana Mastelini Moysés. O título desse projeto de pesquisa é “Imagem e subjetividade: uma cartografia dos modos de semiotização do onírico no cinema pós-moderno”. O primeiro trabalho aqui apresentado, “Da cartografia como modelo crítico para a análise fílmica” é uma síntese da articulação teórica que norteia essas pesquisas. No segundo trabalho, “Considerações sobre sonho e lembrança em A dança da realidade”, Carol Ribeiro aplica fundamentos dessa metodologia e desse referencial teórico para pensar as potências criadoras do cinema de Alejandro Jodorowsky. Por fim, “Fabulação em Retrato Falado: singularidades na construção de um personagem”, de Juliana Mastelini Moysés desenvolve uma leitura do quadro do Fantástico Retrato Falado a partir dos mesmos parâmetros.

**“Oceanografias: ateliês-laboratórios de experimentações cosmopolíticas”** - Coordenadora: Susana Oliveira Dias e Sebastian Wiedemann

Resumo:

Há algo de mar nas imagens que nos atrai... uma certa alegria infinita de mar. Interessamo-nos pelos processos marinhos que tornam as imagens um meio vital. Ondas. Arrebentações. Fenômenos de ressurgência e afloramento, em que as superfícies das imagens são afetadas pela riqueza e frieza das profundidades. Fenômenos de baixa-mar em que percebemos que o mar é também pedra, lama, planta, bicho, cor, som. Fenômenos de beira mar em que seres, ondas e letras berram de alegria e lutam com a areia. Realizamos experimentos com o mar. Desenvolvemos tecnologias ondulantes que se deixam levar pela deformação e instabilidade constantes e expõe-se às rajadas brincalhonas do vento, à força cega da sintaxe marinha. Criamos sensoriamentos impossíveis, uma espécie de geradores de alianças cósmicas, sinapses inorgânicas, movimentos alienígenas. Analisamos novas composições possíveis, explorando os gradientes de intensidades que percorrem os corpos d'água. Toda uma ciência do mar que deseja fazer com que imagens e humanos percam-se no mundo, devir mundo, qualquer um, todo mundo e ninguém. A-mar. Tornar o humano uma matéria plástica de experimentação e aprender com Deleuze, artistas, antropólogos, sociólogos, climatólogos, biólogos, químicos, geólogos, oceanógrafos... o que podem as imagens quando pensamos que a questão do poder é a das forças que compõem o homem. Ouvir um mar...

**“Maquinaria de construção de indivíduos: trajetos, afe(c)tos e devires”** - Coordenadora: Anete Abramowicz

Resumo:

Trata-se de um conjunto de quatro trabalhos produzidos por pessoas ligadas ao Grupo de Pesquisa Estudos sobre a criança, a infância e a educação infantil: políticas e práticas da diferença (UFSCar) que têm se dedicado a pensar os processos de individuação a partir de um diálogo com Simondon e Deleuze. A cartografia é apontada em todos esses trabalhos como uma metodologia capaz de vizibilizar as máquinas que incidem na produção de indivíduos, bem como as linhas de imanência (Deleuze) e as linhas erráticas (Deligny) que escapam às territorialidades dadas e nos permitem olhar para a singularidade da vida. Nos permitem

olhar para os bebês como uma vida. Singular e pré-individual. São portanto trabalhos que possuem como eixo comum o interesse pelo processo de individuação, pela cartografia como metodologia de pesquisa e o bebê como ser que possibilita tais estudos.

**“Bordas e dobras urbanas”** - Coordenadora: Marina Carmello Cunha

Resumo:

A cidade não cabe em si. Por todos os lados, vaza, escorre, escapa. Foge, se reinventa, teima, escorrega. E assim se constitui, se processa, se coloca no tempo. É disso que falamos nessa sessão, da produção micropolítica da cidade: circulação, mobilidade, corpo, imagens, mapas, tecnologia, fronteiras e trabalho; espaços, tempos e linguagens, em múltiplas, heterogêneas e minoritárias bordas e dobras urbanas. É nossa proposta trazer formas abertas de criar, contar e trocar histórias narrativas. Desejamos, a partir disso, minar modelizações e repetições tão presentes na cidade, aportando discussões que tocam as relações do corpo com mapa, bicicleta, rede, saberes e as diversas máquinas, em múltiplos acoplamentos e conexões.

A partir da conexão entre pessoas de diversas partes do país que se encontraram em inquietações sobre a cidade e sobre a academia e que desde então se reúnem online a cada quinta-feira para discutir os possíveis transbordos destes sistemas, esta proposta de sessão deseja ser um encontro de corpos dessas conversas.

---

**29 de Setembro de 2015**

**“Máquina de Arte: acoplamentos corpos, imagens, palavras”** - Coordenadora: Juliana Soares Bom-Tempo

Resumo:

Máquina de Arte: acoplamentos corpos, imagens, palavras. Os acoplamentos entre corpos, as aberturas às imagens, os deslizares de palavras. Assim se compõe as conexões que fazem funcionar uma Máquina de Arte. Uma máquina é sempre um tipo de agenciamento coletivo, uma multiplicidade, uma heterogênesse que, ao fabular, faz nascer desertos e faz falar um povo nômade, dando a ver o invisível e a enunciando o indizível. Uma máquina é a criação de um meio em que se transformam e se produzem individuações. Na perspectiva aqui apontada a Arte ganha a funcionalidade de máquina polissensorial, que engendra uma construção territorial, desterritorializando e territorializando, intervindo nos territórios erigidos e fixados pela cultura. Uma criação entre corpos, imagens e palavras engendra a produção de outras corporeidades, novas sensibilidades e línguas estrangeiras. Essa mesa se compõe por quatro apresentações que conectam as artes e ao conceito de máquinas em Guattari e em Deleuze e Guattari, fazendo referências a performances, a imagens, a literaturas para pensar que tipo de agenciamentos maquínicos estas intervenções artísticas produzem. Assim se compõe essa mesa, a partir de engrenagens que fazem proliferar bons encontros entre vida e arte.

**“Conexões e experimentações: Currículo, Ciência e Linguagem”** - Coordenadora: Maria dos Remédios Brito

Resumo:

Conexões e experimentações: currículo, ciência e Linguagem. A mesa trata de temáticas que atravessam questões sobre Currículo, Ciência e Linguagem e são movimentadas pelos pensamentos de F. Nietzsche, Gilles Deleuze e Félix Guatarri. As apresentações dos trabalhos buscam pensar a aprendizagem e o ensino por criações e experimentações.

**“Cinema, Educação e Experimentações”** - Coordenador: Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

Resumo:

Nesta proposta articulamos as pesquisas e experimentações do Grupo de Estudos de Imagem e Educação vinculado ao Grupo de Pesquisa OLHO da Faculdade de Educação da Unicamp. Nossos estudos se conectam entre experiências sensíveis e subjetivas vividas no plano da criação. Essas experiências, com os dispositivos máqunicos (aparelhos óticos, câmeras, celulares...), provocaram agenciamentos múltiplos para burlar a rotina do olhar.

**“Educação em linhas de fuga: experimentar fragilidades e instantes nas composições com o espaço”** - Coordenadora: Karina Rousseng Dal Pont

Resumo:

Abandonar o conforto, rastrear o que nos interessa. Experimentar nos interesses ações novas e seus artefatos. Estabelecer relações com o espaço auxiliados por ferramentas que nos levam a movências e o compartilhamento por outras cartografias chamadas aqui de afetivas, intensivas. Deixar pulsar a vida e as composições onde estas não se movem, ou seja, chacoalhar as linhas duras que demarcam áreas de conhecimento e fixam toda e qualquer ação em situações escolarizantes, nomeadas pelas palavras de ordem. Os artefatos escolhidos aqui lidam com o deslizamento das imagens pelo espaço e tem na educação seu lugar de ressonância e composição de poéticas. Nesse sentido, os rearranjos propostos apostam nas potências dos encontros entre afetos, cartografias, arte, meio ambiente, audiovisuais mais como afirmação das fragilidades nos modos de aprender, captados nos instantes dos acontecimentos. Linhas de fuga como linhas mínimas por onde se desenrola uma educação. Uma educação: aprender que fragilidades e instantes não estão dados e requerem invenção, nesse sentido, cada trabalho aqui exposto sabe por onde pode passa uma educação que tem nas constituições frágeis e no instante do acontecimento sua força. Trataremos destas forças, inventivas forças, e cada trabalho mostra-a a seu modo.

## **Emergence of Augmented Spatial Mediators and Smooth Space in Late 20th Century** Architectural Discourse: Fresh H2O Expo Pavilion Case

Prof. Dr. Emine Görgül - Istanbul Technical University, Istanbul, TURKEY

Resumo:

As the result of the increasing influence of digitalization and its immense penetration into even everyday life, the last decade of the 20th Century addressed to a critical threshold in the successive transformation process of the spatiality in its long-term run. The advanced digital technologies of ubiquitous computing and generative design, as well as the invention of smart materials in late 90's (particularly the nano-technological materials that emerged as the programmable matters with their ability to evolve continuously) have all provoked the fluid characteristics of spatiality, and strengthen the transformative capacities of the architectural space through the emergence of computer-augmented territories. Additionally, while they are becoming as the body extensions, the advent of novel apparatuses and gadgets further enhanced the integration of the corporal and incorporeal bodies with the spatio-temporal multiplicities, where the hyperdimensionality of the space has been triggered to its outmost range, in relation to the 'soft and smart technologically augmented immanent millieue' (Spuybroek, 1997). Thus, like Spuybroek points out as the 'haptonomist' presence of the body merges itself with these diverse bodily extensions on one hand; On the other hand, as the rising influence of nomadic view of the world further stimulates the unboundedness and endless fluidity of space (Spuybroek, 1997), so that the spatiality becomes a landscape of successive transformations, a topology of emergence or a plane of becoming, which is merely defined by lines of forces, and occurs as an alive territory rather than a limited space of predefined borders. Therefore this evolvable territory which is affectable and being affected by the lines of forces -inner and outer forces-, emerges as an animated existence, an interactive organism.

**“Corpos em devires, afecções, ensaios e cinderelas”** – Coordenador: Roger Vital França de Andrade.

Resumo

Interroga e problematiza devires docentes, afetos e afecções experimentados na vivência com professoras e alunos em uma escola de ensino fundamental do município de Vitória. Tematiza processos dinâmicos, que em sua polifonia, atravessam as criações teatrais, colocando em cena forças e potências no traçado de um plano de composição. Apresenta como os sujeitos da escola pesquisada e teatros e Cinderelas negras e ruivas e loiras e grandes e pequenas e meninos e meninas e príncipes se constituem pela experimentação, em uma docência, uma aula, um drama, como diferença e invenção, na implicação conectiva de ideias para o entendimento do que não quer se tornar o mesmo, como um corpo que sofre de seus encontros e afecções dramatizados na docência e na vida; condição de bons encontros e de aprendizagens interessantes e inventivas.



**“Máquinas estético-clínicas: produção de encontro, corpos e subjetividade”** - Coordenadora: Paula Carpinetti Aversa.

Resumo:

Os modos de atenção psicossocial em saúde mental, criados no contexto da Reforma Psiquiátrica, contribuíram para o fortalecimento de práticas no campo sociocultural ao propor uma clínica voltada para a potencialização da vida. Inventar novos modos de viver e de sentir, novas sensibilidades implicou em exercícios estéticos e em uma articulação poderosa com o campo das artes e da cultura. No entanto, a Reforma Psiquiátrica brasileira tem sido construída no interior de uma tensão que atravessa a vida no contemporâneo, na qual práticas de resistência que afirmam a potência autopoética da vida estão em embate com linhas que tendem para o controle, associadas ao exercício do biopoder. Neste contexto, é preciso perguntar em que medida cada uma dessas práticas se constitui em uma máquina de reinvenção de possibilidades subjetivas, sociais, culturais e materiais de estar no mundo. Para esboçar respostas a essa questão, que tocam a invenção de novos corpos e novas formas de vida e do viver, vamos apresentar algumas experiências que se constituem na interface das artes, cultura e saúde e que nos parecem potencializar ações de resistência. O grupo que propõe esta mesa de apresentação é constituído por estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UNESP/Assis, e sua orientadora.

**“Virtualidade, Arte e Experimentação”** - Coordenador: Antonio Almeida da Silva.

Resumo:

Esta mesa (dês)compõe e ao mesmo tempo se dissolve em três diferentes trabalhos, pois, trazem distintas reflexões e olhares sobre os seus objetos de pesquisa, contudo, as escritas-propostas exercitam em comum a experimentação com a filosofia, a arte e a linguagem. O primeiro texto apresenta um sistema formado por uma série heterogênea e ressonante de três esculturas pode levar o espectador/leitor à compreensão das ideias de Deleuze e o virtual na obra de arte, as quais estão expostas em seu livro “Diferença e Repetição”. O segundo texto consiste numa espécie de narrativa e contextualização de uma experimentação. Um exercício entre pensar e experimentar uma escrita. O terceiro texto/proposta trata-se de uma conexão entre Arte e Filosofia, a partir do trabalho da artista plástica Adriana Varejão, em especial, o atravessamento com o conceito de devir ao pensar a artista num devir mosca-varejeira, que escava diversos materiais e a própria história para produzir uma pintura-escultura inesperada, subversiva, potente para uma escrita política que denuncia diferentes dominações, ao mesmo tempo, que permite atravessar limites para a invenção de novas imagens-palavras-vida.

**“Comunicação, Tecnologia e Cultura na Educação Presencial e a Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)”** - Coordenadora: Aliuandra Barroso Cardoso Heimbecker

Resumo:

O Grupo de trabalho, CEFORT - Comunicação, Tecnologia e Cultura na Educação Presencial e a Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) vem desenvolvendo pesquisas e experimentos no sentido de explorar as interfaces entre educação, tecnologias da informática e comunicação, na gestão dos processos pedagógicos e na modernização dos sistemas de ensino, desenvolvendo mediações educacionais e tecnologias de suporte a educação presencial e a distância, inserindo neste contexto a cartografia como método e a pedagogia do conceito deleuze-guattariana como imanência para as práticas pedagógicas. Sendo assim o primeiro trabalho A TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL E SUAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM apresenta o resultado da imersão nessas discussões teóricas, o segundo A CARTOGRAFIA DE UM PLANO IMANENTE NO CAMPO DAS TCD's: o desafio do Programa PNAIC no Amazonas apresenta resultados práticos desses agenciamentos realizados e o terceiro trabalho UM TERRITÓRIO DE MÚTIPLAS AGENCIAMENTOS NO ENSINO MEDIADO POR UMA TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL-TCD discorre sobre a criação de uma TCD que emerge da necessidade de uma prática pedagógica coerente com as transformações propiciadas pelas tecnologias na sociedade contemporânea.

**“Sorrisos, corpos, feiras e fotografias: experimentações (atra)VERSADAS”** - Coordenadora: Elenise Cristina Pires de Andrade

Resumo:

Sorrisos, corpos, feiras e fotografias: experimentações (atra)VERSADAS Elenise Andrade/Edivan Carneiro/Nathalie Nunes/Luzineide Vieira de Souza Textos e imagens em experimentação irrompem nessa mesa. No estranhamento de Alice do sorriso sem gato; Jacobina, personagem e cidade da Bahia. Espelho e corpos (in)visíveis. Alunos, fotografias e invenções de lugares. Perder o sentido e expandir as possibilidades de encontro. A teoria Queer e o corpo compreendido como um espaço político, lugar de vigilâncias e de relações de poder, um corpo fabricado pela cultura apresentados/refletidos a partir da foto “selfie”, uma dessas lógicas produzidas atualmente, focadamente na rede social facebook. Poderíamos, então, considerar a “selfie” um autorretrato? Um autor-retrato moderno onde os indivíduos possam criar diferentes versões de si, caleidoscópios de identidade? Que lógica dos corpos a “selfie” traz? Para além do corpo, os entre lugares, nos/com os sentidos e expressões em movimento da cultura que se produzem na feira livre de Jacobina-BA. Encontros com Certeau, Bhabha e Kastrup. Experiências e sensações que apontam para uma feira de vários lugares, (re)inventada pelos atravessamentos das culturas e educações, presenciadas no cotidiano, com novas presenças no mundo, que nos coloca em crise, de pensarmos a educação para fora. Fora/dentro; cidade existente/ficcionada. “Que Ichu (des)enquadra em mim?” foi o questionamento inicial que realizamos com alunos e alunas do ensino médio do Colégio Estadual Aristides Cedraz. (Des)enquadramentos que criam efeitos-sensações-sentidos diversos, produzindo visibilidades que resistem e escapam às

convenções e aos clichês que marcam-delimitam nosso olhar no/sobre o lugar onde vivem, extensão dos corpos. Cotidianos vividos transgredindo o mero registro através de um olhar que ressoa e atraVERSA identidades daqueles corpos, espaços, entre-lugares.

**“Performance, pedagogia e pesquisa: os programas e o saber da experiência”** - Coordenador: Flávio Rabelo

Resumo:

A mesa propõe uma problematização transversal acerca dos Programas Performativos como disparadores de redes de saberes; abordando experiências que transitam entre a performance art, a pedagogia e a pesquisa acadêmica em artes. Tal problematização se apoia em diálogos com a proposição de programas em Gilles Deleuze; com Espinosa e sua noção de Corpo; com Humberto Maturana e seus conceitos de deslocamento da percepção, deriva natural e deriva cultural, e ainda, com a estética da professoralidade, tal como proposta por Marcos Villela Pereira.

**“Imagem-afecção como máquina do sensível”** – Coordenadora: Janete Magalhães Carvalho

Resumo:

O Grupo de Comunicações, composto de três trabalhos, enfoca a imagem-afecção como máquina do sensível. Busca problematizar: a potência dos signos sonoros como disparadores de imagem-afecção nas escolas. Toma como intercessores teóricos os escritos de Deleuze (2007) em “Cinema: a imagem-tempo” e as imagens cinematográficas do filme “O fim do recreio” para pensar os componentes sonoros como uma força de ruptura do arco sensório-motor pela emergência de imagens-afecção como uma maquinaria do sensível. Os signos sonoros do cinema e das escolas portam, em seus ruídos, fonações, falas e músicas, o poder de vidência e de afecção, ao se transformarem em personagens da imagem que agem como um corpo estranho capaz de dar a ver e sentir o jorro do tempo em sua diferenciação; porque, a todo tempo, docência é agenciamento e produção de planos, é que este ensaio convida a pensar o professor como um agenciador de devires ao criar planos de composição, tal como o faz o cineasta. Assim, busca problematizar, usando como disparador filmescurtas-metragens, o professor como cineasta no sentido da necessária abertura para outros tempos vividos, afetivos, percebidos e captura de outras imagens e outros planos de composição para uma docência que devém na busca de experimentar aprendizagens outras; finaliza problematizando como as crianças inventam imagens outras com a Matemática e afirma que é possível nas escolas permitir a atualização dessas imagens potencializadas pelo devir-criança.

**“Devir-mulher da escrita”** – Coordenadora: Ana Lygia Vieira Schil da Veiga

Resumo:

A maquinaria inventada pelo grupo prolifera a partir do conceito de devir-mulher, disparando um devir-mulher da escrita. Os quatro trabalhos compõem uma diagonal com o VI Seminário Conexões: “Deleuze e Máquinas e Devires e ...”, pois assim como o pensamento deleuziano é atravessado pelas intensidades que se produzem na relação com o plano de imanência, o devir-mulher da escrita faz voz das intensidades em devir. Mesmo sendo as integrantes todas mulheres, o exercício do devir-mulher da escrita é molecular e não está associado à forma mulher, ao feminino-molar. Molar no sentido impresso por Deleuze e Guattari (1980/2008), onde há organização dos elementos nos extratos de forma delimitada e representativa. Enquanto a organização molecular inclui os fluxos, as intensidades e devires. Os trabalhos são composições de um feminino-molecular, enquanto fluxo e forças e enquanto minoria. Minoria como devir todo mundo e feminino como um devir, haja vista que “todo devir é minoritário” (DELEUZE; GUATTARI, 1980/2008, p. 87). Feminino como um devir-mulher “de nós todos, quer sejamos masculinos ou femininos” (Idem, p. 174). Rente à proposta do VI Conexões, os textos apresentados pelo grupo foram afetados por notas, comentários e acréscimos marginais, criados pelas próprias integrantes do grupo, produzindo novas conexões e disparando outros devires.

**30 de Setembro de 2015 - MANHÃ**

**“O ambiental da educação em experimentações intensas”** - Coordenadora: Kátia Maria Kasper

Resumo:

Esta mesa se delinea no encontro de pesquisas envolvendo relações entre educação, ambiente e subjetividade. A partir de diversas conexões com o pensamento de Gilles Deleuze, experimentam-se escritas, sentidos e sensações. Seja produzindo composições com experimentações operadas no processo de construção da praça de bolso do ciclista, em Curitiba. Seja na pergunta pela possibilidade de desfazer o rosto da sustentabilidade. Seja pensando o dispositivo da educação ambiental como máquina de ver e de falar, operando nas capas da revista Veja. O ambiental da educação se potencializa articulando ética-estética-politicamente uma lógica das intensidades. No traçado das linhas de fuga dos modos de vida conformes.

**“Deleuze e as pesquisas com os cotidianos: conexões possíveis?”** - Coordenador: Carlos Eduardo Ferraço

Resumo:

Nos últimos quinze anos, o campo das pesquisas com os cotidianos tem se constituído como uma importante contribuição para a teorização contemporânea da área educacional, afirmando

uma atitude de dimensões ética, política, estética e criativa para as redes de conhecimentos tecidas pelos praticantes pensantes nos espaços e tempos de realização dos processos curriculares. Com isso, um dos intercessores conceituais mais potentes tem sido o pensamento de Gilles Deleuze, sobretudo por sua condição de permanente abertura à diferença e ao devir, a partir das intensidades produzidas nas composições teórico-metodológicas com os cotidianos pesquisados. Os trabalhos aqui apresentados têm como principal objetivo problematizar alguns dos sentidos produzidos pelos pesquisadores que integram essa comunicação, a partir dos usos que fazem em suas pesquisas das noções deleuzianas de "rizoma", "personagem conceitual", "imagem", "clichê", "máquina abstrata de rotação", "acaso", "ritorno" e "ritmo".

**“Imagem e corpo em reverberação”** – Coordenadora: Rosana Baptistella

Resumo:

Conexão entre as quatro comunicações: O grupo proposto é composto por quatro pessoas que trabalham com imagem e movimento e que, por afinidades prévias e desejos de aproximação, se encontram em uma experimentação de leitura de textos do livro “Infância em Berlim: 1900”, de Walter Benjamin (2013), no processo de pesquisa de Rosana Baptistella “Leitura, Corpo e Memória: percepções, recepções e reverberações” (doutorado em andamento na Faculdade de Educação da Unicamp), participação de Erika Cunha, Fredyson Cunha, Alik Wunder, Neusa Aguiar, Daniel Costa, Marli Wunder.

**“Devir Pássaro”** – Coordenadora: Marta Catunda

Resumo:

Nesta apresentação lançar-se-á um desafio: decifrar uma mensagem dos pássaros a partir de uma pergunta que o grupo formulará. Esta pergunta levará ao sorteio de 5 cartas de um baralho que contém 57 pássaros e 22 complementos. As cartas contêm frente e verso. O verso contém o panorama geral da mensagem através dos signos ambientais e a frente a mensagem das espécies e seus complementos (alimentos). O total do trajeto cartográfico contém cinco pontos de parada com trilha sonora. Cada ponto do trajeto toca uma relação ou evidencia aquelas que temos com o ambiente, as relações sociais e a subjetividade. Pretende-se levar a afirmação de desejos de invenção singulares e coletivos para produção de mundos próprios. O pequeno mapa proposto, desdobra-se em linhas verticais e horizontais e pontos em branco (liso). Uma tentativa de se aproximar da multiplicidade de relações possíveis entre a ecosofia e a ecologia fluente dos pássaros.

**“Pensamento do fora, desterritorialização e devires primitivos”** - Coordenador: Sandro Kobol Fornazari

Resumo:

A filosofia de Gilles Deleuze, inclusive em sua parceria com Félix Guattari, produz uma série de ressonâncias a partir das análises de Michel Foucault e de Maurice Blanchot a respeito da literatura, mobilizando conceitos centrais para a composição da filosofia da diferença. Dentre eles, destaca-se o conceito de pensamento do fora, que aponta para um processo de subjetivação de onde está ausente aquilo que a tradição da filosofia designava como sujeito reflexivo. A própria literatura, no entanto, é a matéria primeira desse âmbito de problematização da filosofia francesa acima referida, tomando como exemplo o simbolismo de Mallarmé e a geração beat de Jack Kerouac, onde a linguagem produz um sistema aberto, rizomático. A extravagância de Deleuze (no sentido do vagar espaço-temporal extraordinário de um pensamento nômade) o impulsiona a um devir criador de conceitos em que importam mais os fluxos e as intensidades que são produzidos do que a pontuação de um saber que se pretende verdadeiro. Daí a valorização de uma certa etnologia que procura captar esses fluxos intensivos do pensamento que as sociedades primitivas produzem, que nos leva, por exemplo, a uma concepção do pensamento enquanto máquina de guerra.

**“Silêncio, dança, expressão, resistência: maquinações”** - Coordenador: André Pietsch Lima.

Resumo:

O que nos une, inicialmente, são escritas e leituras; Deleuze, Guattari, Nietzsche, Spinoza, Foucault. Alguns conceitos também: assinatura, desejo, multiplicidade, individuação, composição, gesto, corpo, diferença, ritornelo. Nas relações entre matérias do pensamento e campos de saberes, maquinam: Cage e o silêncio; poética do chão, contralugares da dança; Deleuze e expressão; figuras de autoria; Foucault, Deleuze e resistência. Estar entre as coisas, transitar entre linhas, produzir um espaço-tempo de aventura. Um corpo acontece. Silêncio. Gestos. Uma individuação. Nas relações de matérias do pensamento, campos de experimentação com a escrita, experimentações sonoras... Performances docentes, discentes, literárias, musicais, científicas, pedagógicas? Retornam intercessões e intercessores. Retorna o que nos une e separa: o desejo.

---

**30 de Setembro – TARDE**

**"Roubos, Encontros e Cartas"** - Coordenadora: Dinamara Garcia Feldens

Resumo:

Queremos pensar através dos encontros, núpcias e roubos a possibilidade de aprender na vida, nos entres dela, vivendo na maneira pré-socrática o trágico Nietzscheiniano e o menor deleuziano, ou seja, na busca da potencia que tem o acontecimento. Como os saberes são indizíveis em suas efetivas possibilidades., se ordena e supervisiona os corpos. Porque nele esta o acontecimento, é no corpo que o acontecimento se passa. Portanto se aprende no instante da duração do corpo sempre num presente. O corpo que gesta o acontecimento, no roubo, no encontro.

**"Do caos à criação: entrecruzamentos de Dança, Fotografia, Poesia e Filosofia"** -  
Coordenadora: Raquel Valente de Gouvêa.

Resumo:

Do caos à criação: entrecruzamentos de Dança, Fotografia, Poesia e Filosofia. A dança no corpo, na palavra e na imagem contamina as criações dos autores criando um plano de imanência para novas significações. Do caos à criação saltam múltiplos devires: não há começo nem fim, apenas o meio em processo contínuo de transformação. Rizoma. Atravessamentos entre diferentes potências se constituem como uma improvisação artístico-filosófica: dança-escafandro, dança-gambiarra, dança-raiz, dança-poema.

**"Elos da diferença em Deleuze"** - Coordenadora: Elizabeth Araújo Lima

Resumo:

A filosofia de Deleuze define-se, em boa parte, na sua utilização. Os usos de Deleuze, neste sentido, desenham operações que dependem dos elos conceituais destinados a atuar numa situação, âmbito ou problema. Podemos afirmar, a partir disso, que a filosofia de Deleuze está povoada de máquinas, ou seja, de âmbitos operatórios que criam novas conexões entre seus conceitos. Neste sentido, nossa mesa visa desenvolver alguns dos desdobramentos possíveis do conceito de diferença. Este conceito, sabemos, define uma miríada de operações possíveis na filosofia de Deleuze. Em nosso caso, queremos nos focar no âmbito que surge da análise de sua arquitetura: arquitetura do conceito clássico da diferença (Diferença aristotélica em Deleuze), arquitetura de uma nova relação entre oposição e diferença (Experimentações da diferença em nós para além da oposição: a problemática do gênero como disparador de diálogos), e arquitetura da relação entre potência e ação (Pausar ou A diferença na praça – entre a potência de agir e a potência de não-agir). Sem embargo, parece que a arquitetura não fornece o elo necessário para pensarmos suficientemente nas relações entre as diversas propostas. O que interessa aqui parece não ser o conceito genérico que assemelha os três trabalhos (a arquitetura), senão a máquina onde todos convergem. Acreditamos, com efeito, que nossa

mesa evidencia uma estratégia de abordagem, um rascunho que desenha uma forma de entrar e sair de Deleuze. Compomos, assim, entre as três apresentações os momentos de um roubo ou uma utilização de Deleuze. Primeiro nos aproximamos na leitura de signos, no diagnóstico de um conceito (Deleuze lendo Aristóteles). Logo, estabelecemos coordenadas inusitadas capazes de disparar as oposições e os gêneros (Deleuze e o feminino). E finalmente, iniciamos a fuga fazendo da diferença não mais um conceito e sim uma prática (Deleuze, a potência de agir do lugar público praça).

**“O corpo professor de matemática: sua formação, sua profissão e seu território”** -  
Coordenadora: Michela Tuchapesk da Silva

Resumo:

Os artigos deste grupo têm como objetivo proporcionar um olhar, a partir da ótica de Deleuze com contribuições de Foucault, para o corpo professor de Matemática, sua formação e sua vida profissional, dentro de um sistema educacional estriado que pode destruir potências. Dessa forma, buscando discutir a formação dos professores de Matemática, os textos evidenciam a incapacidade dessa formação por um determinado curso de licenciatura e propõem um caminho para resistência e luta contra a captura da Máquina de Estado durante sua vida profissional. Vislumbramos o educador matemático como uma máquina de guerra que pode destruir espaços estriados e linhas molares. Portanto, pensamos numa formação outra, centrada no próprio sujeito, num formar-se que se dá no movimento entre os conjuntos molares que nos situamos. Ressaltamos que os textos apresentados resultam de discussões do grupo Educação Matemática e Filosofia da Diferença, coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) do IGCE/UNESP/Campus Rio Claro.

**“Sala de aula como máquina de guerra?”** - Coordenador: Fabrício da Silva Teixeira Carvalho

Resumo:

As produções agrupadas pretendem produzir multiplicidades nos espaços das emissões dos signos, em excessos e sobreposições e colapsos ou... Invadir e elevar à potência a repetição da diferença na produção de encontros disparadores de experimentações com corpos dispostos em formação em múltiplos lugares, em processos de subjetivação e resistência e luta... Afinal, o que pode qualquer sala de aula, como máquina de guerra? Os trabalhos expressam-se em vários formatos, entre escritos, vídeos e imagens e derivam de intervenções em espaços nos quais os autores atuaram como tentadores e enfeitizados, provocadores e provocados, instaurando processos formativos sendo dessubjetivados por muitos, abrindo discussões junto à emissão dos signos e suas relações com os corpos-pensar, a produção de conceitos e sentidos, a formação de professores, as políticas de narratividade junto a imagens, explorando intervalos entre os discursos presentes nas poéticas de qualquer professor.



**“Deslocamentos: devires entre andarilhagens, paisagens e aprendizagens”** - Coordenadora: Marilda Oliveira de Oliveira

Resumo:

Nesta sessão apresentamos três pesquisas desenvolvidas a partir de práticas de deslocamentos. Movimentadas por conceitos de Deleuze e Guattari, como espaço liso e espaço estriado (1997); desterritorialização (1989; 1997; 1997a); afectos e perceptos (1992), fomos pensando o que chamamos de andarilhagem, paisagem inventada e aprendizagem em processo. Os diferentes percursos experimentados por nós contribuem para a movimentação de devires, onde as pesquisas se produzem pela instabilidade do ato de se deslocar, e provocam deslocamentos a partir dos afetos que são experienciados por nós em meio a estes percursos. Apresentamos, portanto, alguns deslocamentos que, em devires, acionam outros deslocamentos: andarilhos, callejeos e aprendizagens, abertos aos trânsitos e àquilo que nestes caminhos pode surgir.

**“Escritas com Educação Matemática”** - Coordenadora: Aline Aparecida da Silva

Resumo:

Quatro propostas com escrita e escrever vão sendo tecidas e se insinuam. Escrita como produto de um exercício da ação de escrever. De que modos? Como estes modos operam? Que implicam estes modos com educação matemática e como podem afirmar uma produção de subjetividades? Escrever e escritas disparadas por experiências com educação e matemática. E sendo produzidas por experiências, pensadas junto a Larrosa, se constituindo como propostas de vazar movimentos e produzir modos de estar com o escrever. E que implica nomear um modo de escrita? Escrever como experiência impondo invenção como estilo de escrita, composições, quaresmas, fabulações, acontecimento.

**“A escrita acadêmica como máquina de guerra”** - Coordenador: Cristiano Bedin da Costa

A problematização da escrita acadêmica é o propósito desta seção de comunicação. Para tanto, a seção está composta por três Grupos de Pesquisa que colocam suas produções sob suspeita e, tomando autores da chamada filosofias da diferença – especialmente Foucault e Deleuze e Barthes – e escritas junto a pesquisas, dissertações e teses, pensam a escrita como maquinaria: produção de produção de produção de... O que pode uma escrita acadêmica em umas academias?

Mesa – 40. **“Cinema, imagem e devir: possibilidades de expansão a partir da taxonomia cinematográfica deleuziana”** - Coordenador: Marcelo Carvalho

Resumo:

Haveria em A imagem-movimento e em A imagem-tempo, livros sobre o cinema de Gilles Deleuze, uma constatação: a de que o pensamento – sua constituição e funcionamento, mas também suas impotências e fissuras – se faria presente no cinema a partir do agenciamento das diferentes imagens que o compõe. Tendo surgido no final do século XIX, o cinema foi contemporâneo do projeto de Henri Bergson de pôr o pensamento filosófico em consonância

com o fluxo imanente das imagens, reencontrando em seu próprio fluxo as imagens-movimento descobertas por Bergson. Estas são as imagens-movimento para as quais Deleuze propõe uma taxonomia – composta pelas imagens percepção, ação, pulsão, afecção, reflexão e relação – baseada na classificação dos signos de Charles S. Peirce e no conceito de imagem de Bergson. A imagem-movimento constitui um regime de imagens onde o movimento normalizado dá curso à representação indireta do tempo. Seria preciso uma crise generalizada do esquema sensório-motor e a emergência da imagem-tempo – com a imagem-cristal, onde o atual e o virtual encontram-se coalescentes, intercambiáveis e indiscerníveis, embora distintos – para que o movimento se tornasse aberrante e o tempo aparecesse diretamente no cinema: Aion tomando as rédeas do tempo de Chronos. A linha argumentativa tomada por Deleuze em *A imagem-tempo* – o que inclui a identificação na Conclusão do livro de novas imagens (eletrônicas, de síntese) que reconsideram o universo do cinema – sugere-nos que o mapeamento das disjunções imagéticas poderia e deveria ser expandido. Do cinema anterior à imagem-movimento ao pós-cinema e à fotografia, interessa-nos identificar novas imagens movidas por devires ainda não mapeados a partir da taxonomia formulada. Quais devires da imagem ainda não detectados no trabalho de Deleuze sobre o cinema atravessariam seu plano de imanência e como surpreendê-los em pleno funcionamento, em suas interações desterritorializantes? Em seu artigo, Marcelo Carvalho questiona sobre as imagens do início do cinema, perguntando-se em que sentido os filmes de Louis Lumière dariam curso a um devir-orgânico. Jamer Mello questiona-se de que forma as imagens digitais produzem agenciamentos quando inseridas no contexto da arte contemporânea, funcionando como expressão diagramática do cinema da imagem-tempo e operando como vetor de força de uma máquina abstrata. Com Laila Melchior acompanhamos algumas reflexões quanto à colagem fotográfica em possíveis aproximações com alguns conceitos do cinema investigados por Gilles Deleuze, especialmente nas fotografias da série *Sueños* (1948-1951) de Grete Stern. E Lucas Murari investe nos registros do grito em dois diferentes suportes artísticos, na pintura e no cinema, com intuito de compreender a força dessa potência de imagem, lançando mão dos quadros do artista britânico Francis Bacon e dos filmes de ficção do cineasta Philippe Grandrieux.

**“Im(possibilidades) de(s)critura”** - Coordenadora: Elenise Cristina Pires de Andrade

Resumo:

quatro escrit-experimentações poéticas se fazem encontros nas/pelas afecções-literárias e potências de pensamento com Deleuze, Derrida, e tantos outros intercessores. poemas ensaiam ritmos e bailam em loba k’an: passos para uma dança: cosmo-agonia da língua: palarvas a vegetAR, animalizAR, (trans)estelAR, vidAR sensações corpóreas em constelações rochosas, metálicas, aquosas, filosóficas, mitológicas, musicais. cartas e crônicas e... letras d(es/x)[cri(p)tas por em](cantos) nos perguntam: quereria essa caixa receber alguma carta escrita? ex-crita? ex cripta? Seriam essas escritas impossíveis um combate? Por onde transita essa vontade de (sem)sentido com um entendimento objetivo? ah! a experimentação poética e... os ma(r)itmos convidando ao enveredar-se. no.... (vai) e (vem) das ondas ~~ personaimagens\\\ não se separam\\\ infinito-enfim: processo-imerso: – aprender a ler e a escrever : e clarice: uma escrita (im)possível, entrega o leitor ao vendaval, e à brisa que acaricia, novos ares, respiração., sensações que atravessam incomodando e revelando a fragilidade da vida que brilha. frágil cristal. espie. mire e veja e...

**“Devires e processos: percursos ético-político-estéticos entre objetos, corpos e fabulações” -**  
Coordenadora: Juliana Soares Bom-Tempo

Resumo:

Os processos de criações se dão em meio a paradas, a continuidades, a devires, a dobras, a desertificações e a fabulações de outros mundos. Nesse sentido, é preciso criar o procedimento de “desacelerar” para dar um limite ao caos e compor blocos de sensações que coloquem percepções e afetos em devir. Criar lentificações que nos permitam analisar as linhas de criações entre objetos, corpos e ficções. Criar enquanto processo de fabulação que produz pequenos desertos e faz falar povos nômades. Desatarraxar o ver e o falar, quebrar a correspondência de um mundo normatizado, heterocentrado, significado e já dado para fazer criar aberturas nos mundos e nas mônadas. Tanto a partir de corpos que se acoplam a elementos plásticos transvazando as genitalidades e as ideias de “gênero”; quanto no ato criativo artístico que se dá a partir de dobraduras que podem não-finalizar processos, fazendo proliferar possibilidades que passam a fazer elementos inconciliáveis co-existirem, há a construção de percursos ético-político-estéticos que podem perfurar o já codificado para fazer nascer novas ficções e outros mundos. É nesse sentido, no entre objetos, corpos e fabulações que devires criam processos em trajetórias, experimentações, prolongamentos plásticos e desdobramentos.